

Museu da Escola Catarinense: por uma biografia das coisas

Sandra Makowiecky
Universidade do Estado de Santa Catarina

Este simpósio se propõe a debater a biografia das coisas, entendendo que existem "vidas nas coisas" e que os objetos possuem poder de agir e interagir ativamente como sujeitos na trama social. O Museu da Escola Catarinense situa-se em edifício tombado como Patrimônio Histórico, onde encontramos uma seção destinada aos materiais de escola, sobretudo do início do século XX até os anos 70. O que se encontra em um museu gera um interesse que não se esgota na visualidade efêmera. Há outras implicações de natureza diversa: a informação e o conhecimento, os vínculos de subjetividade, inclusive identitários, que podem ser criados ou reativados, o exercício da imaginação. O que estes objetos nos dizem e de que forma nos dizem?

Palavras-chave: Museu da Escola Catarinense, Coleção, Cultura material.

This symposium aims to discuss the biography of things, understanding that there is "life in things" and that objects have power to act and actively interact as subjects in the social web. The Museum of the School of Santa Catarina is located in a building declared a Historical Patrimony, where we find a section devoted to school materials, especially from the early twentieth century up to the 70s. What is in a museum generates an interest that is not limited to ephemeral visibility. There are other implications of various natures: information and knowledge, the bonds of subjectivity, including identity, which can be created or reactivated, the exercise of imagination. What do these objects tell us and how do they?

Keywords: Museum of the School of Santa Catarina, Collection, Material culture.

Problemática e pontos para discussão

O museu da Escola Catarinense constitui um Centro de Pesquisa, com uma seção destinada aos materiais de uso do professor de época, que se traduz sobretudo em materiais do início do século XX até os anos 70. São elementos de aula como o giz, o apagador, os livros de consulta, o quadro negro feito em madeira; armários para guardar material, conjuntos de mesa e cadeira, conhecidos como “carteiras. O armário porta-bandeira para prestar homenagens, como também o púlpito para declamações. Ainda encontramos mapas demonstrativos e diversos quadros com amostras de sementes de café, algodão, milho, arroz e outros produtos produzidos pelo país. Esses quadros são mostruários de produtos agrícolas nacionais e contém fotografias, *collages* de sementes, vidrinhos de substâncias como óleo e textos instrutivos, que recebiam o sugestivo nome de “museu escolar”. Destacamos a presença frequente do relógio e do crucifixo. Outros importantes objetos são os quadros parietais (quadros instrutivos), uma tecnologia ao serviço do ensino surgida no século XIX e utilizada também ao longo do XX. A utilização dos recursos parietais como meios técnico - didáticos de ensino enquadra-se num movimento mais vasto de ligação entre a ciência e o cotidiano, de onde surgiram imensas invenções técnicas. Encontramos então, materiais didáticos (livros cartilhas, lousas, cadernos, jogos pedagógicos, cartazes, mapas, globos, estojos, penas, canetas, tinteiros, lápis, régua, etc), registros iconográficos (fotografias, quadros), mobiliários, registros escolares (livros de matrícula, livros de tombo, livros de ponto, livros de ocorrência, cadernetas de chamada, diplomas, fotografias, etc), suportes utilizados pelo professor (programas de ensino, revistas pedagógicas, palmatória) e depoimentos orais realizadas por pesquisadoras/es. Seu foco se volta para a preservação do que Felgueiras (2013)¹ denomina cultura material escolar.

O acervo do Museu da Escola é, pois, constituído de artefatos que dão suporte, organizam e determinam as práticas e relações que se estabelecem no interior da escola e têm papel de grande importância na definição de sua identidade.

Assim sendo, eles não valem pela sua singularidade, mas pela sua capacidade de proporcionar o conhecimento de uma manifestação social, expressiva de uma das mais importantes formas de inserção do indivíduo à sociedade – a escola. Exemplar neste sentido é a palmatória. Mais que um instrumento de castigo, ela é hoje (ao lado da lousa) um símbolo da Pedagogia Tradicional, na medida em que expressa o rigor na disciplina, um dos alicerces desta proposta².

¹ Felgueiras, Margarida Louro. INVENTARIAÇÃO a Escola do Futuro revisitando o Passado. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). 2 ed. *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, p.185-211.

² Peixoto, Ana Maria Casasanta. *Museu da escola de Minas gerais e produção de conhecimento em história da educação*. Disponível em <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/39AnaMariaCasasantaPeixoto.pdf>> Acesso em 12 ago. 2016.

As salas de aula, sobretudo as dos grupos escolares, encheram-se de luz, cor e formas: gravuras, mapas, coleções de insetos, globo terrestre, abecedários de madeira, esqueletos humanos, imagens de homens ilustres. Os materiais escolares constituíram-se, certamente, num dos aspectos mais significativos da cultura escolar brasileira no início do século XX. Um elemento se destaca por sua forma peculiar: uma longa vara de madeira retorcida sobre si mesma, a palmatória. Outra parte significativa do acervo é constituída por materiais escolares como cadernos, lápis, mata-borrão, giz, lousa em miniatura, fotografias antigas do prédio, escrivatinhas, máquinas de escrever, mimeógrafo, entre outros materiais e equipamentos de interesse escolar. Existem mobiliários de escolas, sobretudo dos móveis do fabricante CIMO, (marca catarinense) que dominaram durante anos o mercado nacional de móveis para instalações comerciais e institucionais, com repercussão em diversos países da América Latina. No acervo do MESC contamos com diversos exemplares originais em perfeito estado de conservação.

Como sabemos, a sala de aula é um espaço para investigação, é um caminho que nos possibilita entender melhor os caminhos da vida, por serem todos (escola, salas de aula, mestres e aprendizes) partes de um todo denominado vida (BEZERRA, 2014) ³. Diz Ulpiano B. Meneses (2007)⁴, que o que se encontra em um museu gera um interesse que não se esgota na visualidade efêmera e isto não apenas do ponto de vista estético. Menciona outras implicações de natureza diversa como: a informação e o conhecimento, os vínculos de subjetividade, inclusive identitários, que podem ser criados ou reativados, o exercício da imaginação.

Nos museus você pode encontrar coisas que serão capazes de trazer uma significação importante, em várias dimensões, para a sua própria existência. Funcionam, no fundo, para usar a expressão da Mary Louise Pratt, como zonas de contato, espaços em que sujeitos que estavam separados no tempo e na geografia, por razões das mais variadas, têm a oportunidade de se encontrar. Você tem a oportunidade de alargar a sua experiência de vida e ver que o mundo, afinal, não se limita ao quintal da sua existência⁵.

Podemos então, alargar a experiência de vida e ver que o mundo pode ser compartilhado e apreendido com a biografia das coisas e no caso, a partir dos objetos e dos registros feitos pelo público, sobretudo por depoimentos contidos nos livros de visitas. O que estes objetos nos dizem e de que forma nos dizem? Se entendermos que os objetos possuem uma vida e uma "biografia", eles constroem sua identidade nesse percurso e embrenham-se, com o tempo, cada vez mais na malha de relações sociais

³ Bezerra< Jorbson. Disponível em: http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0045>. Acesso em 02 dez. 2014.

⁴ Meneses, Ulpiano B. Livro, a matéria e o espírito. *Estudos Avançados*, v.21, n.61, 2007, p. 297-302. Disponível em <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ulpiano-toledo-bezerra-de-meneses>>. Acesso em 22 jun.2016.

⁵ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de (2007), idem, op.cit.

a ponto de tornarem-se muitas vezes inseparáveis de outros objetos e pessoas. Segundo MENESES (2002, p.19), o Museu é um espaço de fruição, “[...] é ainda lugar e oportunidade de devaneio, de sonhos, de evasão, do imaginário, que são funções psíquicas extremamente importantes para prover equilíbrios, liberar tensões, assumir conflitos, desenvolver capacidade crítica, reforçar e alimentar energias, projetar o futuro”⁶.

Como perceber estas questões nos objetos do Museu da Escola catarinense?

Sobre o edifício

O edifício foi construído para abrigar a *Escola Normal Catharinense*, no final do século XIX (1892) e inaugurada no prédio do MESC em 1926 (fig.1.1). Em 1964 passa a ser o endereço da Faculdade de Educação. Foi a primeira Faculdade de Educação do Brasil e mais tarde, dessa iniciativa nasceu a UDESC_ Universidade do estado de Santa Catarina. A Faculdade de Educação funcionou nas dependências do prédio até 2007. O Museu da Escola Catarinense, criado em 1992 foi instalado definitivamente no prédio a partir de 2007, com destinação própria do prédio para este fim. O espaço interno da edificação é belíssimo. Toda a circulação se dá em torno de um átrio aberto e iluminado por claraboia (fig. 1.2). Apresenta um desenho que foi muito utilizado em instituições de ensino e em mercados públicos. Toda a sua estrutura interna é de ferro, tanto as colunas, vigas, quanto o guarda-corpo da escada e circulação superior, este último todo trabalhado com desenhos de influência *art déco*.

Através do Decreto Municipal nº 521/89, de 21 de dezembro de 1989 vários prédios integrantes do conjunto histórico do centro da cidade foram classificados, de acordo com sua importância histórico/arquitetônica, em categorias e o Museu da Escola Catarinense está classificado como P1. Estes são os imóveis, que pelo seu valor excepcional ou monumentalidade, são totalmente preservados tanto o interior como o exterior, não podem ser demolidos nem modificados.



Figura 1.1. Museu da Escola Catarinense. Fachada. Acervo do Mesc. 2014



Figura 1.2. Museu da Escola Catarinense. Átrio. Acervo do Mesc. 2016

⁶ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. O museu e o problema do conhecimento. In: Seminário Museus-Casas, IV- Pesquisa e Documentação. Anais. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002, p.17-39.

Sobre o MESC e sobre "para que servem os museus?"

A criação do Museu da Escola Catarinense teve como objetivo principal sua consolidação como espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado a Educação. O Museu se restringe à Educação Escolar, delimitando com mais clareza seu objetivo e estabelecendo similaridade com outro museu desta natureza no Brasil, o Museu da Escola de Minas Gerais, primeiro no gênero no Brasil, que guarda a memória da educação escolar do Estado. O MESC integra oficialmente o Sistema Nacional de Museus, possui inscrição no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e no Sistema Estadual de Museus em 2007. O Museu também contempla um centro cultural que abriga exposições de artes plásticas e de outras naturezas, cursos, apresentações cênicas e musicais, bem como eventos culturais de forma ampla. Atualmente o MESC tem sido espaço para cursos de capacitação da própria universidade e tem feito parcerias com instituições ligadas à arte e museologia, bem como abrigado diversas mostras culturais. O Museu da Escola Catarinense situa-se na categoria de museu histórico: ele coleta, preserva, estuda, expõe e divulga documentos históricos relativos ao passado da educação escolar no Estado. Mas concordamos com Ulpiano B. Meneses (2007)⁷ quando ao falar de sua experiência no Museu paulista, disse que uma das preocupações que teve foi conceber que museu histórico não é um museu que trabalha com objetos históricos, e sim com problemas históricos, que podem ser definidos e encaminhados através de coisas materiais – tratadas como documentos históricos, acrescentando que não se pode trabalhar numa exposição como se trabalha em um texto. Ao falar do universo material e sensorial dos museus, diz que este é tão importante na nossa existência que foi até naturalizado.

Nós não temos consciência dele porque parece que são coisas que não precisam de explicação, nem de consciência: são naturais. Pelo contrário, são absolutamente artificiais, respondem a valores, a interesses, a focos de conflitos e suportes de dominação, e justamente por isso nos convém tomar pé um pouco mais profundamente nesse universo. O museu é um dos espaços mais privilegiados para tomar-se essa consciência⁸.

Em um breve texto, Pedro Pereira Leite⁹, aborda questões sobre museus de forma muito clara. Diz que todos sabemos que um museu é um equipamento de natureza cultural que apresenta coleções de objetos, que são consideradas relevantes e que devem ser preservadas e visitadas, em um espaço seguro e vigiado. Normalmente apresenta uma narrativa para aqueles que o visitam. No pequeno texto, lança várias perguntas e respostas. A primeira: "O que esperamos encontrar quando entramos num

⁷ Meneses, Ulpiano B. (2007), *idem*, op.cit.

⁸ Meneses, Ulpiano B. (2007), *idem*, op.cit.

⁹ Leite, Pedro Pereira. Para que servem os museus. Disponível em <<http://www.plataformamacau.com/uncategorized/para-que-servem-os-museus>>. Acesso em 24 abr.2016
Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra

museu?" Diz ele que a maioria das pessoas quando entra num museu espera encontrar uma coleção e uma história. A maioria também diz que em muitos casos se sentem intimidades com a solenidade do espaço. Não se pode falar alto. Em regra não se pode tocar em nada. Muitos dizem que é um espaço que não tem vida. Há sempre um desejo grande de o visitar rapidamente, para sair para a rua. Segue a segunda pergunta: "O que é que então acontece quando estamos no museu?". Um museu apresenta uma narrativa sobre um assunto. Uma história contada pelos objetos colocados em vitrinas, rotulados com etiquetas com informação sobre a autoria, o ano de criação, o material e a técnica usada. Sobre a terceira pergunta: "O que é que significa a história num museu?", o autor responde que encontramos normalmente dois tipos de propostas nos museus do nosso tempo: os clássicos e os participativos. Os museus clássicos, apresentam uma narrativa, apoiada em objetos apresentados segundo uma ordem, cronológica, por afinidade ou estética. São museus que partem dos objetos que estão dentro e que procuram captar a atenção dos visitantes. Os museus participativos são os interrogam o mundo onde se inserem. Nestes museus a preocupação é saber o que as pessoas querem como representação da sua memória e propor que essas pessoas usem o espaço do museu para criarem atividades relacionadas com os seus patrimônios. São lugares de encontro e descoberta de novos objetos para musealizar. Diz que curadoria participativa não é um trabalho fácil, pois a memória é um campo de confronto social e finaliza com a última pergunta: "O que é que deve suceder quando saímos de um museu?". Um museu serve para facilitar o modo como olhamos para o mundo, para os outros e para nós mesmos. O sentido dos museus inovadores é de propiciar uma consciência sobre o patrimônio que encontramos e como podemos usar isso para fazer coisas novas. O patrimônio não é o que se tem mas o que se pode fazer com ele. Serve para podermos viver melhor e mais felizes. Os museus são espaços vivos e de inovação. São laboratórios onde podemos experimentar combinação de ideias. É através do encontro que se produz transformação, finaliza.

Os trechos do autor fazem umas sínteses muito pertinentes, pois encontraremos ressonâncias nos depoimentos colhidos no livro de visitas do Museu da Escola Catarinense.

Sobre conceitos

Em um texto bastante utilizado na área de patrimônio, chamado "O novo historicismo: ressonância e encantamento", Stephen Greenblatt (1991)¹⁰ define dois conceitos importantes: ressonância e encantamento. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar "ressonância" junto a seu público. O historiador Stephen Greenblatt conceitua "ressonância" e "encantamento", examinando a maneira como nossa cultura apresenta para si mesma, não os vestígios textuais de seu passado, mas os vestígios visuais e materiais que dele sobrevivem, pois estes últimos estão colocados em exibição em museus e galerias projetados especificamente para este fim.

¹⁰ GREENBLATT, Stephen. O novo historicismo. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, dez. 1991. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.

Por ressonância entendo o poder do objeto exibido de alcançar um mundo maior além de seus limites formais, de evocar em quem os vê as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e das quais pode ser considerado pelo espectador como uma metáfora ou simples sinédoque¹¹.

Ou seja, ressonância, como o poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas de onde eles emergiram. O autor define também encantamento. “ *Por encantamento entendo o poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada*”¹². O encantamento tem a ver com uma espécie de veneração e tem sido mais associado com o formalismo do que com o historicismo. Costumamos venerar determinadas obras históricas, com seu passado e tradição. Uma obra de arte conhecida, como algumas obras de Van Gogh, Leonardo da Vinci, ou documentos da proclamação de independência, para ilustrar, são vistas como vestígios visuais e materiais colocados em exibição em museus e galerias projetados especificamente para este fim. Já museus com objetos que não valem pela sua singularidade, mas pela sua capacidade de proporcionar o conhecimento de uma manifestação social, expressiva, podem causar ressonâncias com maior intensidade pelo poder de evocar no espectador as forças culturais complexas e dinâmicas. Uma exposição ressonante, explica o autor, frequentemente distancia o espectador da celebração de objetos isolados, e o leva em direção a uma série de relações e questões sugeridas, apenas semivisíveis. E lança uma série de perguntas aplicadas ao que vemos no Museu da Escola Catarinense, ao vermos seus objetos, seus móveis, sua cultura material escolar (fig.2.1 e 2.2):

Como os objetos chegaram a ser expostos? O que está em jogo na sua caracterização como “dignos de museu”? Como eram originalmente utilizados? [...] Quais os sentimentos das pessoas que originalmente seguraram esses objetos, os colecionaram, possuíram? Qual o significado de meu relacionamento com esses mesmos objetos agora que eles estão expostos aqui, neste museu, neste dia?¹³

Os depoimentos contidos nos livros de visita nos levam geralmente a uma ênfase maior no próprio prédio, onde se formaram muitos professores que ali retornam, ou à própria atmosfera do ambiente escolar que exerce um efeito diferenciado em cada espectador. O elogio ao espaço físico é constante, bem como um agradecimento pelo cuidado que se tem com o espaço e a valorização da memória.

¹¹ GREENBLATT, Stephen. (1991). Idem, op.cit. Pag. 250.

¹²GREENBLATT, Stephen. (1991). Idem, op.cit. Pag. 250.

¹³ GREENBLATT, Stephen. (1991). Idem, Pag. 253.



Figura 2.1. Museu da Escola Catarinense. Sala de aula de época, anos 50. Grupo escolar. Acervo MESCC



Figura 2.2. Museu da Escola Catarinense. Auditório com Poltronas da marca Cimo e painéis de formatura. Acervo MESCC



Figura 3.1. Museu da Escola Catarinense. Objetos escolares. Acervo MESCC



Figura 3.2. Museu da Escola Catarinense. Quadros Parietais. Acervo MESCC

Observa-se também, depoimentos que nos apontam questões que as pesquisas sobre objetos, cultura material escolar e outros relacionados, sinalizam como vestígios. Celebram objetos que levam a reviver a infância, uma volta no tempo e aos primeiros anos de escola, relembram tempos em que se respeitava a escola e os educadores. Enfatizam o Museu como local de reflexão e seus hábitos de pontualidade, honestidade e demais valores que se aprendiam na escola, como coisas perdidas no tempo. Muitos lembram dos sons, passos, risadas nos corredores das escolas. Há menção ao fato de que os objetos, como a sala de aula dos anos 50 os levaram "de volta aos 12 anos". *Deixam registros de uma "memória imaginária", que idealiza uma vivência que jamais será vivida em tempos presentes. Outros lançam perguntas: "Como seria ser estudante neste espaço? Como seria lecionar nestas salas de aula (agora salas de um museu)? Qual a importância destinada à cultura e educação neste tempo que passou?"*

O que nos dizem os objetos? Existem diversas pesquisas que tratam deste universo da História da Educação. Peixoto (2013)¹⁴ diz que a palmatória, mais que um instrumento de castigo, ela é hoje (ao lado da lousa) um símbolo da Pedagogia Tradicional, na

¹⁴ Peixoto, Ana Maria Casasanta. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. In: *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Figueiredo, B.G. e Vidal, D.G. (orgs). 2 ed. Belo Horizonte, Fino Traço, 2013, pa. 213- 230.

medida em que expressa o rigor na disciplina, um dos alicerces desta proposta. O relógio e o sino marcando o tempo e o ritmo das atividades, as carteiras fixas, a posição da mesa do professor e a palmatória indicam a importância do tempo no novo tempo, a disciplina e a ordem necessárias ao avanço da produção, dentro do sistema capitalista, em fase de expansão no país. Os materiais pedagógicos, como elementos de suporte para a aprendizagem, evidenciam a incorporação, em sua proposta, dos avanços das ciências pedagógicas, consubstanciada no Ensino Intuitivo. Essa representação teve um importante papel no sentido de impor a imagem de um Estado como instituição capaz de impulsionar e conduzir um projeto educacional, e foi decisiva, na conformação da escola e das práticas pedagógicas, naquele período¹⁵. Para Castro (2011), as carteiras escolares perpetuaram-se como objeto fundamental para um bom ensino¹⁶. Podemos comparar as figuras 4.1 e 4.2, para percebermos o quanto de dignidade em material se perdeu com a banalização das carteiras escolares, hoje de materiais descartáveis e ergonomicamente questionáveis.

Outro objeto bastante comum eram os quadros Parker, em salas de aula organizadas segundo os princípios intuitivos¹⁷. Conforme Teive (2008), nas paredes havia a abundância de quadros intuitivos para o ensino das ciências naturais, história e geografia e Quadros Parker para o aprendizado da aritmética. Em lugar de destaque ficavam o globo terrestre para o ensino da geografia, o museu escolar, com sua coleção de objetos, para a prática das lições de coisas de história natural, o quadro-negro para garantir a convergência das atenções, indispensável para a prática do ensino simultâneo e a bandeira nacional, símbolo máximo da Pátria e da República, para as lições cívicas.



Figura 4.1. Museu da Escola Catarinense. Objetos escolares. Carteiras Cimo. Acervo MESC



Figura 4.2. Museu da Escola Catarinense. Carteiras atuais. Acervo MESC

E para completar o cenário, a incorporação ao cotidiano da sala de aula do símbolo da era industrial moderna: o relógio, marcando os ritmos da ação educativa medindo os

¹⁵ Peixoto, Ana Maria Casasanta. *Museu da escola de Minas gerais e produção de conhecimento em história da educação*. Disponível em <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/39AnaMariaCasasantaPeixoto.pdf>> Acesso em 12 ago. 2016.

¹⁶ CASTRO, R. X. S.; SILVA, V. L. G. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 207-224, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Pag. 207-224.

¹⁷ Fonte: TEIVE, Gladys.M.G. *Uma vez normalista, sempre normalista - cultura escolar e produção de um habitus pedagógico (Escola Normal Catarinense - 1911/1935)*. 1ª. ed. Florianópolis: Insular, 2008. 220p.

rituais, ordenando a vida escolar. Os materiais escolares constituíram-se, certamente, num dos aspectos mais significativos da cultura escolar brasileira no início do século XX, contribuindo para que a instituição escolar cumprisse a sua dupla tarefa de instruir e educar, moralizar, higienizar, civilizar. A presença da religião em nossas escolas se manifesta no crucifixo. Outro aspecto que chama a atenção são cadernos, livros, hinos, exaltando os heróis, as riquezas do Brasil e os valores da nacionalidade (tais como patriotismo, obediência, trabalho). A marcante cenografia que reconstitui o ambiente da sala de aula antiga: o relógio na parede, as carteiras fixas, enfileiradas diante do tablado com a mesa da professora, a palmatória e o púlpito, o crucifixo, os tinteiros e canetas de pena e a lousa, que despertam sentimentos de nostalgia.

Alguns objetos se destacam na linha do encantamento (Stephen Greenblatt, 1991) e são solicitados a compor cenários de documentários e filmes. Citamos a escrivaninha (fig. 5.2) da diretora do Instituto de Educação de Santa Catarina (antiga *Escola Normal Catharinense*), Antonieta de Barros, educadora de grande expressão, escritora e primeira mulher a ser eleita parlamentar em Santa Catarina.

Destacam-se também, os móveis da marca Cimo (fig. 4.1 e 2.2). "Referências como estas são cruciais no desenho da trajetória dos objetos escolares, para tanto a localização, recuperação e preservação precisam estar em pauta e assumirem um lugar menos embrionário e tímido do que aquele que têm ocupado"¹⁸.

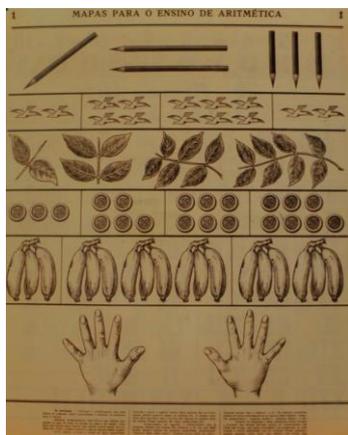


Figura 5.1. Museu da Escola Catarinense. Mapas PARKER para o ensino de matemática. Acervo MESC



Figura 5.2. Museu da Escola Catarinense. Escrivaninha que pertenceu à Antonieta da Barros. Acervo MESC

Para manter um projeto educativo que veicula memórias do passado, há que se afirmar uma memória imaginativa, e *"neste quadro, há que reconhecer as tradições do ensino, o Habitus, que enforma o trabalho docente, fruto de práticas do ofício de mestre, inventadas e transmitidas no seio da profissão, porque de algum modo foram bem sucedidas"*¹⁹.

¹⁸ Silva, Vera Lucia Gaspar e Vidal, Diana Goncalves. Por uma historia Sensorial da escola e da escolarização. Linhas. Revista do programa de Pós- Graduação em Educação- Udesc. V.11, n.2, 2010.

¹⁹ Felgueiras, Margarida Louro. (2013). Op. cit., Pag. 191.

Estes objetos atestam suas vidas e interação de forma afetiva e de muita saudade. Se existe vida nas coisas de um museu desta natureza, trata-se de uma vida repleta de saudades. Como diz Aziz Nacib Ab Sáber, "A gente pode ter saudades até daquilo que não viu. Razão pela qual é de todo conveniente selecionar as memórias"²⁰.

Referências Bibliográficas

- BEZERRA, Jorbson. Sala de Aula. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/articulistas/outrosEducacao_artigo.asp?artigo=artigo0045>. Acesso em 02 dez. 2014.
- CASTRO, R. X. S.; SILVA, V. L. G. Cultura material da escola: entram em cena as carteiras. In: *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 207-224, jan./abr. 2011. Editora UFPR. Pag. 207-224.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. "INVENTARIAANDO a Escola do Futuro revisitando o Passado". In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (orgs). 2 ed. *Museus: dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, p.185-211.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. "Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios". In: *Horiz. antropol.* 2005, vol.11, n.23, pp.15-36. Disponível em < <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 22.jul. 2016. ISSN 0104-7183. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832005000100002>.
- GREENBLATT, Stephen. "O novo historicismo". In: *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 244-261, dez. 1991. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2323/1462>>. Acesso em: 26 Ago. 2016.
- LEITE, Pedro Pereira. Para que servem os museus. Disponível em < <http://www.plataformamacau.com/uncategorized/para-que-servem-os-museus>>. Centro de Estudos Sociais Universidade de Coimbra. Acesso em 24 abr.2016
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. "Livro, a matéria e o espírito". In: *Estudos Avançados*, v.21, n.61, 2007, p. 297-302. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/ulpiano-toledo-bezerra-de-meneses>>. Acesso em 22 jun.2016.
- _____. "O museu e o problema do conhecimento". In: *Seminário Museus-Casas, IV-Pesquisa e Documentação*. Anais. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura: Edições Casa de Rui Barbosa, 2002, p.17-39.

²⁰ SÁBER, Aziz Nacib Ab'. São Paulo: Ensaio Entreveros. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo/Edusp editora da USP, 2004.

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. "A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação". In: *Museus: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna*. Figueiredo, B.G. e Vidal, D.G. (org.). Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, pp. 213- 230.

_____. Museu da Escola de Minas gerais e produção de conhecimento em história da educação. Disponível em <
<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/39AnaMariaCasasantaPeixoto.pdf>> Acesso em 12 ago. 2016.

SILVA, Vera Lucia Gaspar; PETRY, Marília Gabriela. A Aventura de inventariar. Rev. bras. hist. educ., Campinas, v. 11, n. 1 (25), p. 19-41, jan./abr. 201. pp. 20-41.

SILVA, Vera Lucia Gaspar; VIDAL, Diana Goncalves. Por uma historia Sensorial da escola e da escolarização. In: *Linhas*. Revista do programa de Pós- Graduação em Educação- Udesc. V.11, n.2, 2010.

SÁBER, Aziz Nacib Ab'. *São Paulo: Ensaios Entreveros*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo/Edusp editora da USP, 2004.

TEIVE, Gladys.M.G. *Uma vez normalista, sempre normalista - cultura escolar e produção de um habitus pedagógico* (Escola Normal Catarinense - 1911/1935). Florianópolis: Insular, 2008. 220p .